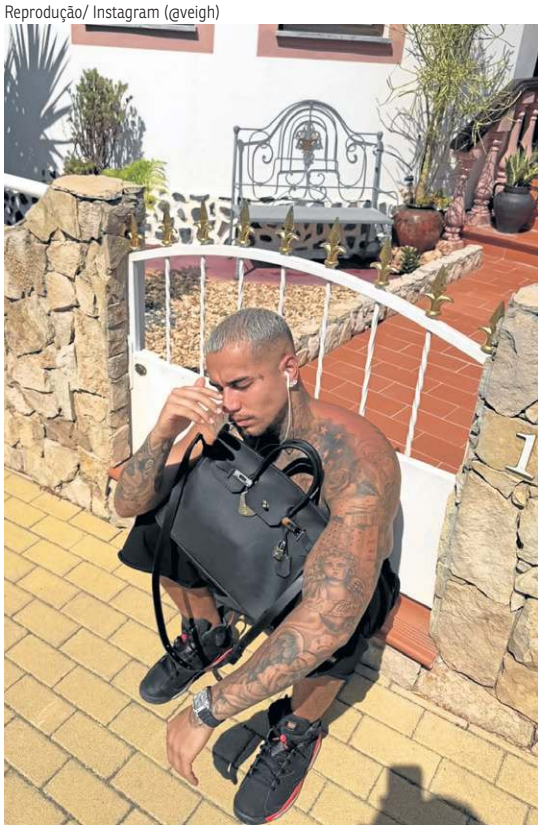
Reprodução/ Instagram (@veigh)



Na moda streetwear, esse acessório tem sido muito utilizado

Reprodução/ Instagram (@virginia)



As cores neutras continuam ótimas opções para os looks

Reprodução/ Instagram (@jadepicon)



As bolsas menores são alternativas elegantes e atemporais

Segundo a professora Krystie Ribeiro, a presença masculina nesse território resulta de um encontro entre urgências cotidianas e mudanças culturais profundas.

"A reinserção da bolsa no guarda-roupa masculino é o resultado da intersecção entre necessidades práticas da vida contemporânea e a erosão das fronteiras rígidas de gênero. Historicamente, os homens abriram mão de carregar bolsas visíveis no século 19 com a consolidação do terno sob medida, que instituiu bolsos bem cortados para carregar apenas o essencial. A pasta de couro tornou-se a única concessão, estritamente ligada ao ambiente corporativo", contextualiza Krystie.

A virada contemporânea, porém, tornou os bolsos insuficientes para a rotina conectada e abriu espaço para novas referências visuais nas passarelas e nas ruas. No entanto, a ruptura recente foi engatilhada por mudanças no estilo de vida. A proliferação de dispositivos tecnológicos, garrafas de água, carregadores e itens de higiene pessoal tornou impossível carregar a vida moderna nos bolsos de calças sem deformar a silhueta.

"Paralelamente, o movimento streetwear e a cultura hip-hop, ao se infiltrarem na alta-costura (impulsionados por figuras como Virgil Abloh e Kim Jones), normalizaram as pochetes, as bolsas transversais e as tote bags para os homens. Sociologicamente, a moda masculina afastou-se da masculinidade hegemônica restritiva em direção a uma expressão mais fluida. A bolsa masculina deixou de ser um tabu emasculante para se tornar um acessório de utilitarismo tático e, simultaneamente, um novo espaço de ostentação de marcas e curadoria estética", explica a professora.

O minimalismo escapista

Nos últimos anos, a reorganização da vida urbana e do trabalho também redesenhou as proporções desse acessório tão especial, criando dois extremos que convivem lado a lado nas vitrines e no street style: as bolsas gigantes e as versões minúsculas. Segundo a professora, o trauma coletivo e a reestruturação social pós-pandemia provocaram uma dicotomia extrema no design de bolsas, pautada pela necessidade de sobrevivência, hibridismo e evasão.

No âmbito prático, a consolidação do trabalho híbrido destruiu a fronteira entre as bolsas de lazer e as de trabalho. "A resposta do mercado foi a ascensão absoluta das maxibags e sacolas hiperdimensionadas. A bolsa assumiu o papel de casa portátil, na qual o indivíduo carrega tudo o que é necessário para garantir sua autonomia e higiene em um ambiente público que passou a ser lido, subconscientemente, como imprevisível", observa Krystie Ribeiro.

Com isso, na ponta oposta, as microbags sobreviveram justamente por recusarem qualquer compromisso com a utilidade prática. "A necessidade de mobilidade física extrema, de festas e aglomerações após o confinamento, manteve vivas as microbags. Elas funcionam como joias escapistas, simbolizando um distanciamento deliberado das obrigações utilitárias do dia a dia. Assim, o design pós-pandêmico reflete uma sociedade fragmentada: ou carregamos o peso do mundo e da produtividade móvel em proporções agigantadas, ou rejeitamos toda a carga em favor da estética pura", completa.

Novas formas de consumo

Enquanto gigantes internacionais apostam em logotipos globais e campanhas massivas, designers independentes e marcas autorais vêm conquistando espaço por meio de outra moeda de valor: a identidade territorial e o fazer manual. Para Krystie Ribeiro, essa disputa não acontece no campo da quantidade, mas no da autenticidade.

"Designers locais não competem com conglomerados como LVMH ou Kering na arena do volume, escala ou dominação publicitária; sua força reside na disputa pelo capital cultural autêntico. Em uma economia globalizada que homogeneizou os grandes centros urbanos, o consumidor altamente educado começa a buscar a distinção através da exclusividade narrativa e da descolonização do olhar", destaca.

Nesse cenário, técnicas tradicionais ganham status contemporâneo e conversam diretamente com as demandas éticas das novas gerações. Essas marcas independentes utilizam a herança cultural e as materialidades endêmicas não como folclore, mas como design de vanguarda.

"Economicamente, elas se alinham aos princípios de sustentabilidade (ESG), rastreabilidade e slow fashion, que são a nova moeda de valor para as gerações millennials e Z. Ao transformar saberes regionais ancestrais em produtos de tiragem limitada, essas marcas oferecem uma conexão ética, afetiva e identitária. A bolsa deixa de ser apenas um símbolo de riqueza financeira para se tornar um manifesto político-estético e um artefato da identidade local, resistindo ao apagamento global", afirma Krystie.